

Turismo de saúde — conceitos e mercados

Licínio Cunha
Professor Catedrático Convidado da ULHT e
Director da Licenciatura em Turismo

Sumário

O alargamento da Base Motivacional das viagens tem provocado o nascimento de novas formas de Turismo, que, muitas vezes, colidem ou se entrecruzam com outras já existentes dando origem a situações de conflito. Está neste caso a recente explosão dos chamados «Spas» que, aparentemente, invadem o campo das actividades seculares que, mediante a utilização de recursos naturais, respondem a necessidades de saúde (termalismo, talassoterapia e climatismo).

O presente artigo procura identificar as várias componentes dum ramo emergente de negócios turísticos que têm uma base fundamental comum : a saúde e o bem estar físico e mental. Na tentativa de abarcar uma realidade nascente muito diversificada sugere-se uma definição de Turismo de Saúde como conceito aglutinador.

Palavras Chave

Turismo; Termalismo; Cura; Bem estar; Turista; Saúde.

Summary

The broadening of the motivations for travel has induced the dawning of new forms of tourism, that frequently collide or cross with other preexisting forms, giving rise to scenarios of conflict. An example of this is the explosion of so called «Spas» that apparently encroach on secular activities that answer to health needs through the usage of natural resources (thermal baths, talassotherapy and climatism).

This article attempts to identify various components of an emerging branch of tourism business that has a common fundamental basis: health and physical and mental well being. In an attempt to englobe a truly diversified and emerging reality, we suggest as an agglutinating concept a definition of health tourism.

Keywords

Tourism, thermalism, cure, wellness, tourist, health

Durante muitos anos, os conceitos para designar e identificar as actividades relacionadas com os tratamentos baseados em recursos naturais localizados em sítios caracterizados pela existência de factores ou elementos

específicos não sofriam contestação e estavam bem estabelecidos: termalismo, talassoterapia e climatismo.

Cada um deles identificava cabalmente a respectiva actividade e não levantava qualquer dúvida tanto para consumidores como para instituições públicas ou privadas.

Todos determinavam a existência de um conjunto complexo de equipamentos e serviços de diferente natureza localizado num espaço delimitado, como acontece em qualquer destino turístico. Contudo, nenhum deles era considerado como tal. Algumas actividades eram classificadas como turísticas, como é o caso de uma parte do alojamento e restauração, mas outras já o não eram, como é o caso dos balneários e das instalações recreativas. Os utilizadores não entravam na categoria dos turistas, as estâncias termais estavam excluídas do turismo e só os actos médicos e terapêuticos lhes conferiam identidade e estatuto.

Identificar o termalismo, ou as outras actividades, com o turismo era considerado como um acto lesivo dos seus interesses e, na actualidade, ainda assim acontece em alguns países europeus, em particular em França, onde a corrente dominante considera que tem de se fazer uma distinção clara entre «termalismo terapêutico e os produtos de turismo de saúde cuja finalidade e natureza são bem diferentes». (Blanchet). A própria expressão «curista» para designar as pessoas que realizam tratamentos termais é bem expressiva: os utilizadores das termas são doentes que precisam de uma cura, donde decorre, que o termalismo se identifica com ela.

Havia (e há) algumas razões para isso. Em primeiro lugar, o termalismo nasceu por razões terapêuticas e foi isso que lhe deu credibilidade e capacidade para se manter durante milénios. Em segundo lugar, a segurança social só aceita participar no pagamento dos tratamentos enquanto estes forem considerados como acto médico e terapêutico e, por último, o turismo nasceu e iniciou o seu desenvolvimento como forma de recreio e de satisfação da curiosidade, actividade lúdica, da qual estava ausente qualquer sentido de obrigação ou penosidade o que é contrário ao conceito tradicional de tratamento e cura. Para muitos, cura e turismo são incompatíveis porque a primeira quer-se como coisa séria, com rigor e sujeição a regras, ao passo que o segundo é liberdade e diversão.

Contudo, a inovação no domínio das técnicas terapêuticas, a flexibilização dos actos médicos e o seu alargamento a actividades de carácter mais lúdico, a par do aumento contínuo da prevenção e da generalização das preocupações com o corpo e o bem estar físico e mental, obrigam a alterar radicalmente esta perspectiva.

O Conceito de «Wellness»

As sociedades modernas, principalmente o grupo constituído pelos chamados « baby boomers», que recentemente atingiram a plenitude das suas actividades profissionais, ascenderam a patamares de nível de vida e de bem-estar que nenhuma das gerações anteriores havia experimentado mas, ao mesmo tempo, defrontam-se com desequilíbrios e agressividades desconhecidas no passado que fazem nascer novas necessidades de ordem física, mental e psicológica. Até há poucos anos, as preocupações dos indivíduos consigo próprios e com o seu corpo nasciam com a doença mas hoje surgem com a sua prevenção, com as tensões diárias e com a importância dada ao equilíbrio psicológico e mental e aos aspectos hedonísticos.

Estas novas condições de vida, que ainda estão na infância do seu desenvolvimento, deram origem à proliferação de um vasto leque de actividades e produtos de entre os quais se realçam os que se destinam a proporcionar bem-estar, prevenção e recuperação física. Um desenvolvem-se preferentemente nos centros onde se concentra a maior parte da população procurando responder às necessidades diárias de bem-estar das pessoas, outras desenvolvem-se em locais fora dos grandes aglomerados populacionais procurando uma relação profunda com o ambiente, a natureza e certas condições climáticas. Em qualquer dos casos são variadas as motivações a que visam corresponder e algumas diferem acentuadamente de outras, mas aquelas que podem considerar-se nucleares são comuns a todas as actividades a que nos referimos: saúde e bem-estar.

As primeiras são de concepção recente, enfatizam o bem-estar e caracterizam-se por uma grande flexibilidade multiplicando-se facilmente sem preocupações de obediência a princípios e regras pré-estabelecidas nem sujeição aos recursos naturais, enquanto as segundas enraízam num passado longínquo que dele retém elementos essenciais que lhes definem vocações peculiares e desenvolvem-se em torno do acto médico como referência essencial.

Para distinguir umas de outras passou a utilizar-se uma nova designação que procura abranger os fenómenos e relações que derivam de um vasto conjunto de preocupações do ser humano com o seu corpo e com os estados de espírito que afectam as suas condições físicas ou de inserção no meio social.

Nasceu assim o conceito de bem-estar mas indissoluvelmente ligado às condições físicas que a designação inglesa, proposta, em 1961, pelo Dr. Halbert Dunn, procura abranger na expressão «Wellness» resultante da combinação da palavra

«Wellbeing» (bem-estar) com a palavra «fitness» (aptidão física) e para a qual não é fácil encontrar correspondência em português. Nestes termos a «Wellness» pode definir-se como sendo o estado de equilíbrio do corpo, espírito e mente, alcançado através dos cuidados de beleza, de nutrição saudável, do relaxamento e actividade mental. Assim entendidas as actividades desenvolvidas pela «Wellness» procuram assegurar uma concepção holística para manter o corpo e a mente saudáveis, ou seja, encara a pessoa como um todo e não trata uma doença (Messerli *et al.*, 2004).

Como bem se compreende as actividades ligadas à «Wellness» ou que dela resultam podem dirigir-se fundamentalmente aos residentes dos locais onde se desenvolvem ou aos não residentes. No primeiro caso, a escolha da localização recai nos centros urbanos e, no segundo, em sítios que pelas suas características geográficas, climáticas ou ambientais e paisagísticas, melhorem as condições da sua oferta e aumentem o grau da atractividade. Só neste caso a «Wellness» se transforma numa actividade turística.

Foi o despertar de uma clientela aberta a novas experiências e carecida de soluções para problemas reais, em simultâneo com a flexibilidade e espírito de inovação que caracteriza as novas actividades, que deu origem a uma grande variedade de estabelecimentos que, contudo, adoptaram a designação tradicional na óbvio, tentativa de se acobertarem à sombra de uma credibilidade de séculos. De facto o termo «SPA», abreviatura de «Salus per Aqua», usado pelos anglosaxões em substituição da palavra «termas» significa, tradicionalmente, uma fonte de água mineral com propriedades terapêuticas importantes para o tratamento de certas doenças e tem séculos de existência. A motivação dominante que lhe é subjacente é a cura ou a recuperação de uma doença.

Contudo, para os países não europeus, em particular para os americanos, o que caracteriza um SPA é a promoção do bem estar individual, da saúde ou da aptidão física (fitness) bem como a harmonia ou o equilíbrio através da prevenção, terapia e reabilitação do corpo, da mente e do espírito, conforme é entendido pela ISPA – International SPA & Fitness Association. De acordo com este conceito não é necessária qualquer fonte de água com propriedades médicas e inclui todo o tipo de estabelecimentos desde aqueles que se limitam a fornecer banhos especiais até aos que prestam um serviço completo de saúde com tratamentos terapêuticos. Estes são mesmo excluídos pelos asiáticos porque, para eles, o que conta é a harmonia espiritual e os tratamentos naturais.

Em geral as «spa» tradicionais enfatizam o tratamento médico e as modernas formas de «spa» alargam a sua imagem

a funções multiformes que incluem massagens, tratamentos de beleza, técnicas de relaxamento, hidroterapias e tratamentos de ervas, entre outros.

Não surpreende assim, a grande variedade de designações que têm vindo a surgir nos últimos anos, pretendendo abarcar realidades diferenciadas ou pura e simplesmente dar força comercial a certas actividades através da agressividade do marketing. Depois das «health» ou «beauty farms» proliferam as designações de «spa» tais como «club spa», «day spa», «cruise ship spa», «destination spa», «medical spa», «resort hotel spa», etc. e começam a surgir os «spas» de «vinoterapia» com tratamentos que utilizam extractos de uvas, como acontece, por exemplo, em França e Espanha. No domínio do turismo a designação «spa» está a transformar-se numa imagem de marca para os hotéis que, começando por se equipar com «health clubs», se transformam agora em «hotel resort spa» ou em «Hotel & spa» e as grandes cadeias hoteleiras estão a equipar os seus hotéis com spas como forma de diferenciar os seus serviços como é o caso da Hilton, da Hyatt ou da Mandarin.

Conceito de Turismo de Saúde

Esta avassaladora proliferação de novas formas de tratamento utilizando conceitos que caem na esfera do termalismo, a par do alargamento do conceito de turismo que passou a abranger uma enorme variedade de motivações, levanta a questão do estabelecimento das fronteiras entre elas e do seu enquadramento tanto na esfera económica e comercial como na jurídica. Trata-se de uma questão importante e que há muito foi colocada pela Comissão da União Europeia que já em 1992 considerou que a «inexistência de uma harmonização dos conceitos torna difícil a avaliação do sector», (Tzoanos, 1992).

O primeiro conceito utilizado para abarcar as actividades desenvolvidas com vista a proporcionar cura e bem-estar com a utilização de recursos naturais e que implicam uma deslocação foi a de «turismo de saúde» que ganha cada vez mais força e que se configura como o mais adequado, embora muitos recusem identificar o termalismo ou a talassoterapia com o turismo o que radica na preocupação de não perder benefícios financeiros mas não tem qualquer consistência conceptual. Os aquistas são turistas como quaisquer outros e não é o facto de efectuarem uma cura que lhes retira essa qualidade, tal como o termalismo é uma forma (ou um produto, como se quiser) de turismo como o é o sol e mar ou o turismo desportivo.

A primeira tentativa conhecida de definir turismo de saúde surgiu em 1972 por iniciativa da então União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo (actual Organização Mundial de Turismo) que o definiu como sendo aquele que «implica a utilização de equipamentos sanitários que façam uso de recursos naturais, climáticos e termais em particular». Esta definição excluía tudo que não fosse curativo e fosse exterior aos recursos naturais apesar de considerar a «importância dos factores psicológicos».

Posteriormente, em 1981, os membros afiliados da O.M.T. elaboraram um estudo que concluiu pela necessidade de uma política de produtos «adaptados ao turismo moderno relativamente aos quais a saúde constitui a motivação principal» considerando como tais «programas de turismo de saúde que num destino turístico permitam aos turistas elevar o seu nível de saúde e prevenir os diferentes factores de risco especialmente os ligados aos modos de vida das sociedades modernas». Passa a considerar os locais onde se situam os recursos naturais como destinos turísticos, os seus utilizadores como turistas e tanto abrange a cura como a prevenção em sentido amplo.

É um conceito que rompe com o anterior mas está de acordo com a evolução entretanto operada, acompanha não só a evolução das concepções do turismo como também as da saúde que passou a ser considerada pela Organização Mundial de Saúde (que se integra na O.N.U. tal como a O.M.T.), como «um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade».

Apesar disso, a corrente que poderemos classificar de tradicionalista, continua a fazer a separação entre turismo de saúde e termalismo considerando que o primeiro é o conjunto dos produtos que têm a saúde como factor de atracção e por fim a melhoria de um estado psicológico ou corporal que não justifica um tratamento médico químico ou termal (Blanchet). Ou seja, para os tradicionalistas o termalismo ou a talassoterapia têm de excluir-se do turismo de saúde e os seus utilizadores não são turistas. Para eles, o turismo de saúde não é mais do que «a tentativa por parte de uma facilidade turística ou de um destino atrair turistas promovendo deliberadamente os seus serviços de cuidados de saúde em adição às suas atracções turísticas regulares» (Goodrich, 1994) o que nem sequer o permite considerar como um tipo de turismo ou produto turístico diferenciado de qualquer outro do qual seria mero complemento.

O que define e caracteriza o turismo é uma *motivação* (ou um conjunto de motivações) que leva a uma *deslocação* temporária para locais que dispõem de certos atributos com capacidade de *atração* onde quem se desloca desenvolve

actividades não remuneradas. Assim, todos aqueles que, por uma razão de saúde (segundo o conceito da O.M.S.), se deslocam para locais com condições ou atributos que lhe proporcionam algum modo de melhorar o seu estado de saúde são turistas e todas as actividades de que se utiliza são turísticas.

Como é evidente, daqui resulta que todos os utilizadores de termas são turistas e que as estâncias termais são destinos turísticos devendo ser tratados como tais. Destinos turísticos, aliás complexos e que, por múltiplas razões e factores, diferem dos restantes requerendo por isso mesmo, cuidados especiais.

Pelas mesmas razões são igualmente destinos turísticos ou estâncias turísticas todos os locais que possuindo atributos naturais ou artificiais atraem pessoas por motivos de saúde e aí podem desfrutar de equipamentos e serviços turísticos.

Deste modo podemos definir «*turismo de saúde*» como um conjunto de produtos que tendo a saúde como motivo principal e os recursos naturais como suporte têm por fim proporcionar a turistas a melhoria do bem-estar físico ou mental.

Segundo este conceito não cabe dúvidas de que o termalismo, a talassoterapia e o climatismo se integram no turismo de saúde mas nem todos os produtos de recuperação da forma ou os «spas» dele fazem parte: em princípio os «day spas» não o são como também o não são os «club spas» mas já o serão os «destination spas» ou os «cruise ship spas».

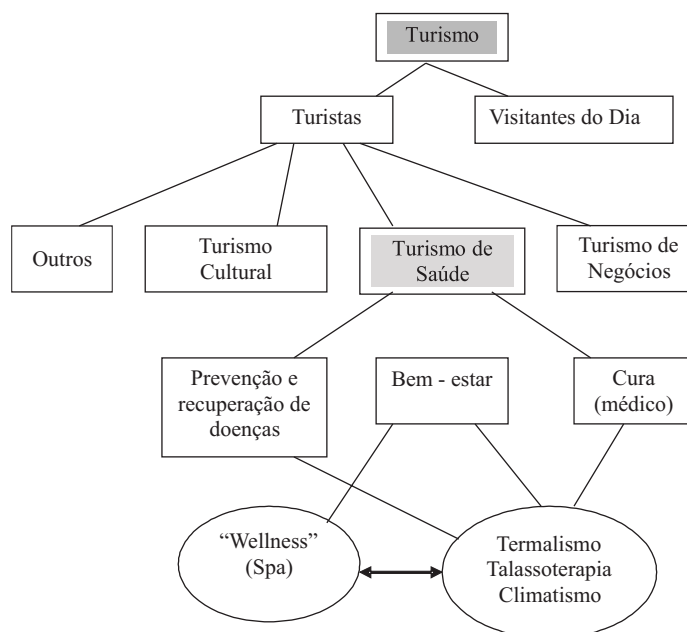
De tudo isto decorre que o turismo de saúde se estende a dois segmentos fundamentais: aqueles que se deslocam por razões primordialmente médicas e cuja motivação dominante é a cura ou recuperação e aqueles que o fazem por razões de prevenção, bem-estar ou recuperação de forma. Provavelmente os primeiros não rejeitam os cuidados com o bem-estar nem os segundos rejeitam o acto ou os cuidados médicos.

Além destes dois segmentos fundamentais podemos acrescentar um terceiro constituído por pessoas que não desejando ter acesso a qualquer forma de cuidados particulares elegem os destinos ou estâncias de saúde (health resorts) para desfrutar das condições de ambiente existentes por motivo de repouso, evasão ou de contacto com a natureza.

Deste modo podemos apresentar o seguinte gráfico que permite identificar o «turismo de saúde» como um dos segmentos de turismo e, as suas várias formas, como sub – segmentos deste.

Perspectiva de Desenvolvimento

O crescente entusiasmo que hoje se verifica pela recuperação da forma, pelo bem estar e pelos cuidados com o corpo e que a evolução esperada dos modos de vida e da



sociedade fará aumentar em simultâneo com o alargamento das motivações turísticas, abre perspectivas cada vez mais vastas ao turismo de saúde. A demonstrá-lo está a extraordinária expansão mundial dos «spas» em geral, que abrange todos os continentes: no Canadá o número de estâncias Spa sextuplicou em sete anos e nos E.U.A. os «day spas» multiplicaram-se por 20 em dez anos e o volume de negócios atingiu em 2003 os 11 biliões de dólares. Em Espanha o termalismo, que se manteve durante décadas em completa letargia, está em pleno ressurgimento com a expansão do turismo de saúde. O caso, porém mais significativo de aposta no «turismo de saúde» como factor de dinamização principal de desenvolvimento turístico, é o da Hungria, país que é considerado um dos mais ricos do mundo em fontes de água mineral. Com o fim de melhorar e promover o turismo de saúde em todos os seus segmentos, o governo húngaro aprovou, em 2001, o «Szécheni Plan» com uma duração de 10 anos que já originou investimentos no montante de cerca de 750 milhões de euros apenas nos dois primeiros anos.

Como geralmente acontece em todas as actividades, as termas esforçam-se por manter a distinção entre elas e os recém-chegados mas ao recusarem ou ao resistirem às novas técnicas não o fazem da melhor forma o que a longo prazo pode revelar-se uma estratégia desaconselhável.

Com efeito, muitas vezes, fazem-no para não perder benefícios da segurança social mas poderão vir a perder os fundos dos sistemas de seguro privados. As designadas «health

and fitness spas» que demonstram seriedade e provam com resultados a sua eficácia, estão a conquistar os clientes dos sistemas de seguro de doença privados e estes dão sinais de preferência pelas técnicas modernas devido a um maior reconhecimento da prevenção. Além disso, não só os investimentos com a modernização das estâncias têm um longo período de recuperação como também os custos da sua manutenção são elevados e dificilmente poderão ser suportados por uma clientela que não cresce ou cresce muito pouco.

É certo que os preços podem subir compensando a estagnação da procura mas há um limite a partir do qual conduzirão à perda de clientela a favor dos concorrentes e, então, o declínio é inevitável.

Estes são alguns dos argumentos a favor da diversificação das estâncias termais e do alargamento da sua base de clientes àqueles que procuram o bem-estar. As estâncias termais devem dar prova da sua capacidade em se adaptarem às mudanças de cada época e para isso terão de incorporar as novas tendências transformando-se nos verdadeiros destinos de turismo de saúde sem deixarem de ser termalismo. Se o não fizerem outros assumirão o seu lugar e restar-lhes-á transformarem-se em «museus» do passado. O seu maior desafio é o de se livrarem da imagem de decrepitude sem perderem a imagem médica que é o maior garante da sua credibilidade. Contudo a separação entre termas e «spas» é perigosa porque deixa terreno livre aos novos concorrentes que, oferecendo produtos de substituição mais atraentes,

ficam em melhores condições para conquistar o mercado deixando para as termas franjas residuais de mercado que mais cedo ou mais tarde se virão a revelar insuficientes para manterem as estâncias termais como destinos turísticos.

Já há quem estabeleça a distinção entre «health tourism» e «spa tourism» o que talvez não tenha muito sentido mas se esta diferenciação ganhar consistência poderá favorecer os destinos termais desde que estes ofereçam um produto diferenciado mais credível e mais competitivo.

Algumas experiências bem sucedidas mostram que a coexistência entre a terapêutica curativa, os tratamentos de bem-estar e de recuperação física são possíveis e desejáveis e que foi a compatibilização entre eles que garantiu o revigoreamento de estâncias que pareciam condenadas a desaparecer.

Na nossa opinião é o caminho a seguir para transformar o termalismo português num produto turístico credível com futuro e com projecção internacional. Um participante activo no desenvolvimento turístico nacional e não um mero espectador que lentamente vai definhando sem honra e com perda do mérito do passado.

Referências bibliográficas

- Blanchet, M.J.R., «Tourisme et Santé», Rapport au Conseil Supérieur du Tourisme, Paris.
- Goodrich, Jonathan, N. «Health Tourism: A New Positioning Strategy for Tourist Destinations», Global Tourist Behavior Muzzafer Uysal Phd., Editor, The Haworth Press, 1994
- Tzoanos, George «Um pas vers um Thermalisme Communautaire», 1992, O termalismo na Comunidade Europeia, Estoril
- Messerli, Hannah R., Yuko Oyama, 2004. «Health and Wellness Tourism-Global», Travel & Tourism Analyst, August, Mintel International Group, Ltd.
- Tabacchi, Mary H., 2001 «Le Tourisme de Santé aux États – Unis», Cahier Espaces, Décembre
- Laverie, Debra A., 1998 «Motivations for Ongoing participation in a Fitness Activity», Leisure Sciences, 20:277-302